

FORMAÇÃO E ERRÂNCIA: O DESLOCAMENTO DOS JOVENS PROTAGONISTAS EM DUAS NARRATIVAS DE MARIA TERESA ANDRUETTO

FORMATION AND ERRANCE: THE DISPLACEMENT OF YOUNG PROTAGONISTS IN TWO NARRATIVES BY MARIA TERESA ANDRUETTO

Alex Bruno da Silva **1**

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o deslocamento espacial das personagens dos livros *Stefano* (2014) e *O país de João* (2016), da escritora argentina Maria Teresa Andruetto. O objetivo é problematizar a relação que se estabelece entre o espaço na narrativa e o processo de formação dos jovens protagonistas. Por essa perspectiva se lerá estas narrativas como obras que rompem as fronteiras geracionais e questionam a concepção de literatura infantil e/ou juvenil como uma sublitteratura. Para tanto, a metodologia contempla os estudos teórico-críticos formulados por Marc Augé (1994), Dorren Massey (2015), Teresa Colomer (2017), Stuart Hall (2006), entre outros.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil. Espaço. Identidade. Migração.

Abstract: This article proposes a reflection on the spatial displacement of the characters in the book *Stefano* (2014) and *O País de João* (2016), by the Argentine writer Maria Teresa Andruetto. The objective is to problematize the relationship established between the space in the narrative and the process of training young protagonists. From this perspective, these narratives will be read as works that break generational boundaries and question the conception of children's and / or youth literature as a sublitterature. To this end, the methodology includes theoretical and critical studies formulated by Marc Augé (1994), Dorren Massey (2015), Teresa Colomer (2017), Stuart Hall (2006), among others.

Keywords: Children's and youth literature. Space. Identity. Migration.

A literatura infantil também é literatura.

Maria Teresa Andruetto

Introdução

Se em seus primórdios a literatura infantil e juvenil apresentava uma proximidade com a didática e os ideais educativos, enfrentando controvérsias entre a função artística da linguagem e a função pedagógica; os estudos atuais, como esboça a colocação de Maria Teresa Andruetto (2012), aqui transcrita como epígrafe, evidenciam a importância de olhar para a literatura produzida para crianças e jovens para além de um texto de caráter pedagógico.

A escritora argentina é uma das principais vozes da literatura infantil e juvenil contemporânea, conquistando, em 2012, o *prêmio Hans Christian Andersen*, equivalente ao prêmio Nobel da literatura infantil. Além de se dedicar à escrita literária, Andruetto atua na formação de professores e mediadores de leitura, tendo publicado também ensaios críticos sobre leitura e a concepção de uma literatura para jovens leitores. Suas narrativas, sobretudo, *Stefano* (2014) e *O país de João* (2016), traduzidas para o português pela escritora Marina Colasanti, abordam os temas da migração, das desigualdades sociais, da ditadura e da formação da identidade individual e coletiva. Nesse sentido, suas obras rompem as barreiras geracionais, atraindo tanto um jovem leitor quanto um leitor adulto com formação literária.

Com uma linguagem poética e reflexiva, os livros de Andruetto propõem profundas imersões subjetivas e possuem uma dimensão crítica que problematiza as questões sociais e culturais. Sob esses aspectos, há que se (re)afirmar, como reflete a pesquisadora Larissa Warzocha F. Cruvinel (2009, p. 28), que a literatura para jovens leitores possui “dimensões complexas e formas inovadoras de atrair um leitor em formação e não poder ser vista como uma sublitteratura em relação aos códigos da literatura geral”.

Outra particularização que se deve propor para a discussão dessas duas obras de Andruetto coloca-se na relação que se estabelece entre o tema da migração e o modo como os espaços percorridos afetam a trajetória de formação ou de amadurecimento das personagens. Ao se considerar a íntima relação entre o espaço e o sentimento de pertencimento, a narrativa de viagem – na qual os protagonistas estão em constantes deslocamentos – revela, muitas vezes, lugares instáveis. Nesse sentido, a viagem traria um misto de estranheza e liberdade na composição de personagens marcados pela experiência da partida e da chegada, o que resultaria não em um processo de integração do eu, mas encaminharia o personagem ao estranhamento e as incertezas da vida no desenvolvimento de sua formação.

Apesar de sempre estar presente na tradição literária a temática das migrações aparece com maior relevância a partir da segunda metade do século XX, focalizando a situação específica de refugiados, imigrantes e exilados causada pela ascensão nazista e, de forma geral, pelo impacto da Segunda Guerra Mundial. Segundo Edward Said (2003), o século XX é a era dos deslocamentos em massa permeados, na maioria das vezes, por perseguição política ou étnica, pela miséria e por sonhos desfeitos.

Diante disso, as narrativas sobre as mobilidades migratórias também representam os deslocamentos das personagens por motivações históricas, sociais e culturais, sejam elas as guerras, as perseguições étnicas ou a busca por melhores condições de vida. Essas representações colocam em cena o fenômeno da multiculturalidade, próprio das sociedades atuais. De acordo com Teresa Colomer (2017, p. 206), essa também é uma das tendências da literatura infantil e juvenil contemporânea que, assim como a literatura geral, aborda os fluxos migratórios, refletindo a necessidade “de tolerância, negociação e integração intercultural, com um grau crescente de complexidade em seu tratamento”.

Partindo dessas premissas, este artigo propõe uma análise dos livros *Stefano* e *O país de João*, atentando para os aspectos supracitados que, a meu ver, possibilitam uma experiência de leitura crítica e transformadora, assim como qualquer forma de arte, tendo como sustentação um universo ficcional que conduz o jovem leitor a uma compreensão aprofundada da realidade. O projeto literário de Maria Teresa Andruetto problematiza a construção de conceitos e imagens que, ao longo do tempo, constituíram uma ideologia pedagógica-moralizante, na

qual os textos infantis e juvenis não alcançariam uma elaboração estética da linguagem. Além disso, nos romances citados emergem de forma sistemática e ampla a relação dos sujeitos com o espaço como forma de representar o deslocamento, a errância e as experiências culturais, colocando em pauta as construções identitárias e o amadurecimento dos jovens protagonistas.

Stefano: a viagem como forma de amadurecimento

Stefano é o terceiro livro de Maria Teresa Andruetto, publicado pela primeira vez em 1997. Esta obra narra a trajetória de deslocamento do jovem protagonista Stefano que migra da Itália para a Argentina. Diferentemente de uma narrativa tradicional, neste livro há dois narradores: um em terceira pessoa, que acompanha o protagonista, seguindo uma ordem cronológica dos fatos, desde sua saída da Itália, sua chegada em terras sul-americanas e o encontro com Ema – jovem que ele conhece ao final de sua jornada.

Na outra instância narrativa, acompanhamos, em forma de diálogo, a narração em primeira pessoa a partir do ponto de vista do protagonista já adulto, que conta para Ema suas memórias da infância e a rotina com sua mãe na Itália, além de expressar os sentimentos de tristeza e solidão a partir da experiência da migração. No entanto, não há separação textual entre uma instância narrativa e outra. O leitor empreende duas viagens que se entrelaçam no discurso narrativo: a narrativa em terceira pessoa, linear e exterior, bem como a narrativa memorialística, subjetiva e em *flashback*.

Essa exploração de instâncias narrativas, na qual o leitor se vê imerso em um enredo com maior complexidade, faz com que o trabalho com a linguagem possibilite, de modo mais consciente, a compreensão dos sentidos da obra e explicita o estatuto literário do texto. Estruturalmente, a narrativa de *Stefano* se organiza em quatro capítulos. O trecho que abre o primeiro capítulo já aponta para a figura da viagem na composição do protagonista que parte do espaço interiorano na Itália à procura de melhores condições de vida na América:

Ela perguntou: Você vai voltar?

E ele respondeu: Daqui a dez anos.

Depois o viu afastar-se e não fez um único gesto.

Por cima da distância que os separava distinguiu os suspensórios caídos, o cabelo incontrolável de menino, o jeito ainda de criança. Sabia que enfrentaria riscos, mas não disse uma palavra, o olhar retido ali, na curva que lhe tragava o filho (ANDRUETTO, 2014, p. 09).

A viagem para Stefano ultrapassa o simples gesto de atravessar os limites de um país para outro. Há um conteúdo simbólico imbuído na crença de poder encontrar uma vida melhor para si. Observa-se, no trecho acima, que a partida do jovem protagonista é marcada pela dor da separação com os laços maternos. Assim, a viagem simboliza o abandono de toda uma rede de proteção e afeto que a mãe representa e também o abandono da terra natal. Stefano, mesmo muito jovem, carrega alguns traumas trazidos pelo contexto de guerra: a perda do pai, a fome, o frio e a luta pela sobrevivência. Essas dolorosas lembranças aparecem por meio da memória do protagonista que, no discurso narrativo, compõem simultaneamente a trajetória linear de sua viagem:

Aqui, perto da estufa, a lembrança daquele frio é mais intensa, Ema.

Perguntei a ela: Vamos acender o fogo hoje?

Mas ela disse: *Não*.

Por que não? Perguntei.

Ainda não é inverno, disse.

Ela tremia quando disse isso (ANDRUETTO, 2014, p. 14).

Assim, o leitor é capaz de viajar externamente pelo espaço geográfico percorrido pelo jovem e internamente pela memória subjetiva desse sujeito que faz uma análise de sua vida. Retomando o percurso da viagem, logo após despedir-se da mãe, Stefano encontra com Pino, Bruno, Remo e Ugo, jovens que assim como ele, buscam uma terra nova com melhores condições de vida. Pode-se afirmar que, nesse desejo de evasão em que a viagem expressa a ambivalência da expectativa do que virá e a dor do desterro, o espaço, na narrativa, representa a característica instável e móvel do processo de construção das identidades dos sujeitos. O trânsito, de certo modo, traduzido na representação de personagens marcados pelo desenraizamento acentua uma condição constante de instabilidade em relação ao espaço.

Nesse sentido, o deslocamento migratório dá-se por meio de uma desterritorialização, seguida de uma tentativa de reterritorialização. Segundo Ana Lúcia Silva Paranhos (2010, p. 151), a reterritorialização é o movimento que consiste em refazer o território, “diferente daquele do território que se deixou”. Assim, desterritorializar-se significa abandonar o lugar de origem e lançar-se em uma jornada por espaços que permitem breves identificações, mas não uma identidade. Nesse contexto, os jovens viajantes se tornam frequentadores de “não lugares”, conceito do antropólogo Marc Augé:

Vê-se bem que por “não-lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, mesmo assim, pois os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só diz respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária (AUGÉ, 1994, p.87).

Por essa perspectiva, Stefano e os amigos empreendem uma viagem por espaços propícios ao que Augé chama de “tensão solitária”. Já no espaço da emigração, os jovens se depararam com outros sujeitos na mesma situação de deslocamento:

Ninguém saiu do lugar quando a noite chegou e o escritório foi fechado. Uma mulher deu o peito ao bebê que chorava, e mal ele se meteu entre o pano da blusa, adormeceu. Um homem jovem, que vestia um casaco de tweed acinzentado e parecia de condição superior aos outros, ofereceu castanhas (ANDRUETTO, 2014, p. 11).

As expressões de trânsito, de solidão e de errância que, segundo Augé, são ocasionadas pelos não lugares podem ser observadas, na narrativa de Andruetto, no deslocamento desses sujeitos em busca de um lugar outro. Após a espera no porto, Stefano e os demais companheiros ingressam em outro espaço que representa a imagem da errância: o navio. É no navio

que Stefano vive a experiência da puberdade, sonhando com Gina – uma das moças que ele conhece durante a viagem –, e assim ocorre a descoberta do desejo sexual. Nesse espaço de passagem, o jovem também troca experiências com outros imigrantes e vive as incertezas de encontrar uma vida nova.

Após uma tempestade, Stefano passa por um naufrágio, perde a consciência ao boiar em alto mar, mas sobrevive e já desperta em uma espécie de enfermaria para imigrantes: “O olhar de Stefano vara o que tem à frente; depois pergunta pelos outros, mas o homem fala uma língua que ele não entende. Alguém lhe toma a mão e ele lembra, se chama Stefano e estava viajando de navio...” (ANDRUETTO, 2014, p. 21-22).

Neste momento, Stefano vive a sensação de ser estrangeiro em um espaço diferente do lugar e da língua de origem, o que reforça o desenraizamento da terra natal. A figura do imigrante está associada a alguma perda – a pátria, a identidade, a língua, os valores culturais ou as relações sociais –, provocando um sentimento perturbador de estar totalmente em lugar nenhum.

Diante da ausência do “lugar antropológico” (AUGÉ, 1994), que permite ao sujeito relações identitárias, históricas e relacionais, Stefano mais uma vez passa pela experiência do anonimato e a tensão solitária ao se deparar com um novo país. É essa a imagem que abre o segundo capítulo do livro:

Stefano não tem passaportes mas o comissário de bordo fala com os da Repartição, e as coisas se arranjam. Ao fundo, atrás do cais, as casas de chapa colorida, o edifício da Alfândega com seu teto inclinado até o cais no porto. Mais adiante, a estação Retiro, e aqui só hotel e o ruído das pessoas contra as grades. Stefano caminha entre homens e mulheres desconhecidos, que trazem fotografias nas mãos, de tanto em tanto, alguém grita um nome e aquele que passa se vira para olhar quem chamou (ANDRUETTO, 2014, p. 25).

Deslocado espacial e subjetivamente, dado o seu trânsito físico e suas memórias afetivas, Stefano encontra-se imerso em um espaço que não lhe pertence e com o qual sua relação sempre será descontínua, solitária e incompleta. Neste espaço de deslocamento, o jovem protagonista, ao caminhar para uma espécie de albergue, reencontra o amigo Pino que lhe conta como sobreviveu ao naufrágio. É possível observar, a partir dessa aproximação entre Stefano e Pino, que a experiência do deslocamento possibilita uma tendência de identificação com o outro – estrangeiro –, que tem em comum o sentimento de não pertencimento. Após se reencontrarem, Stefano e Pino passam alguns dias em um hotel, a poucos passos do cais, destinado para os imigrantes. Juntos planejam seguir viagem para Montenievas, lugar onde o tio de Pino vivia em uma fazenda e, mais uma vez, os jovens irão embarcar em busca de um espaço de novas possibilidades:

Deixam atrás de si o Hotel dos Emigrantes, o mar, a agitação do porto. Vão até a Estação Retiro, e dali, de trem, até o Pampa. Não levam malas, não têm nada. Pino diz: – É como se fôssemos recém-nascidos. – Eu, ao contrário, – diz Stefano – acho que já vivemos tudo (ANDRUETTO, 2014, p. 29).

A condição de desenraizado faz de Stefano um sujeito errante, um estrangeiro que necessita negociar experiências culturais em relação à língua, à identidade e ao espaço. A viagem de trem, de caráter provisório, ressalta a instabilidade do imigrante em relação ao espaço. Para Augé (1994), os não lugares são frequentados, muitas vezes, por habitantes das grandes cidades, mas seriam, por excelência, o próprio espaço do estrangeiro, pois como afirma Julia

Kristeva (1994, p. 15): “O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais”.

Depois da viagem de trem, Stefano estabelece moradia na fazenda do tio de Pino, criando possibilidades de firmar raízes; ele conhece, no contato com uma nova família, o amor por Lina, filha do tio de Pino, e a paixão pela música. A vida no campo compõe a trajetória do processo de formação do protagonista que, ao ver um sax em uma loja, lembra-se de uma canção de lamento e da terra natal. Ao comprar o instrumento, Stefano conhece o professor de música Aldo Moretti que também era um imigrante vindo da Itália. O convívio com o professor e a música são formas de manter viva na lembrança a língua de origem, bem como os dias vividos com a mãe na terra natal.

No terceiro capítulo, Stefano tem contato com a vida no circo e mais uma vez a condição da errância o faz evadir-se em busca de novos aprendizados. A errância de Stefano simboliza um processo de construção do eu, da experiência do outro e da diversidade cultural. O espaço do circo representa essa multiplicidade de culturas e a aproximação com sujeitos que vivem, assim como ele, em constante deslocamento, ou seja, a condição de ser sempre estrangeiro nos espaços percorridos:

Stefano fica estarecido com os hábitos dessa gente, vinda de toda parte que foi se agregando ao circo. Um dos palhaços é húngaro, o domador e o velho Lucca são de Lignano, e a contorcionista é brasileira. Mas disso tudo, Stefano só lembrará de Rosso e da que agora toca gaita, balançando-se no trapézio (ANDRUETTO, 2014, p. 53).

No excerto acima, Stefano integra-se ao circo e segue como um viajante à espera de encontrar o identificável em sua próxima estada, o que parece nunca ocorrer. A vida no circo representa a ausência de uma identificação sólida com um país, uma região ou uma comunidade. Nesse sentido, a errância de Stefano simboliza a busca de uma identidade perdida que, a partir da experiência da migração, configura-se como um processo em movimento contínuo, no qual a base é sempre a relação de alteridade. De acordo com Kathryn Woodward (2014, p. 22), o processo migratório produz “identidades plurais” marcadas pela diferença cultural e simbólica. Assim, a instabilidade espacial pode ser lida como uma espécie de contestação da unidade e centralidade do eu.

A identidade de Stefano é construída a partir do acúmulo de experiências e do contato com o outro. O exílio, a viagem, os novos amigos, a música e o constante deslocamento espacial refletem essa fluidez na concepção da identidade do sujeito migrante. Essa concepção de identidades instáveis, tão polêmica quanto ampla, é tratada por Stuart Hall (2006, p. 13) na perspectiva da pós-modernidade como uma “celebração móvel”, cambiante e não unificada em torno de um eu coerente. Tomando essas reflexões, sobre o problema da identidade, pode-se observar que a narrativa de Andruetto apresenta como ponto de convergência a representação do espaço na construção da identidade e do processo de formação humana do jovem protagonista.

É no circo que Stefano relaciona-se com Tersa, vivendo a experiência sexual e também a difícil adaptação em uma relação amorosa e em um novo espaço. O quarto capítulo apresenta as reflexões de Stefano em relação ao processo de amadurecimento humano. As decepções amorosas e a morte da mãe contribuem para sua maturação. Ele decide abandonar o circo para encontrar uma amiga da mãe, o que marca seu encontro com Ema. Ao final da narrativa, temos um sujeito capaz de enfrentar a vida como adulto, ou seja, o protagonista compreende, com a morte da mãe, que é preciso superar o passado e assumir novas responsabilidades:

Agora que teremos um filho e repassamos a vida para continuá-la juntos, compreendo minha mãe, as suas palavras. Durante todo o percurso continuou me dizendo o que dizia lá, golpeando-me a memória como água... Sempre sonhava com ela distante, parada na porta da nossa casa, a mão erguida.

Mas ontem à noite, Ema, você acredita?, sonhei que vinha até a gente e me abraçava (ANDRUETTO, 2014, p. 74).

Nesse ponto, as duas viagens unem as pontas de um processo contínuo de formação, pois o amadurecimento do protagonista estabelece uma relação dialógica entre o deslocamento espacial e a viagem interior, possível por meio da memória. O amadurecimento implica, em geral, tanto o reconhecimento quanto a superação do trauma, porém a narrativa de Andruetto não oferece certezas ao final. Stefano além de guardar viva na memória a lembrança da mãe – elemento simbólico de ligação entre ele e a terra natal –, também compreende que estará em contínuo processo de formação e a chegada de um filho marcará um novo aprendizado.

O país de João: a errância como forma de sobrevivência

A temática da migração é retomada por Maria Teresa Andruetto no livro *O país de João*, publicado em 2003. Trata-se da história de duas famílias que abandonam o espaço de origem e viram catadores de papel em uma grande cidade. A narrativa se desenrola em dez capítulos curtos, que abordam, de modo paralelo, o dia-a-dia de João e Anarina e de suas famílias na Vila de Papel. Nesta obra, o deslocamento não trata da viagem de um país para o outro, mas de migrar de uma região para outra na busca pela sobrevivência.

Desse modo, tanto a narrativa de *Stefano*, quanto a narrativa de *O país de João* trabalham com questões ligadas ao deslocamento de seus protagonistas. Assim, os personagens vivenciam todo o desconforto de estar em trânsito, deflagrando a problemática em torno da identidade e das desigualdades sociais. As duas narrativas também estão escritas numa linguagem poética, evocando o universo infantil e juvenil a partir de protagonistas jovens que transitam no espaço físico em busca de melhores condições de vida, bem como passam por um processo de formação humana. Se por um lado *Stefano* evoca o olhar do emigrado em relação à sua trajetória e deslocamento, colocando em cena o multiculturalismo e a instabilidade de pertencer a um lugar, *O país de João*, por outro lado, reflete a relação entre o espaço e a ação humana, expondo o empobrecimento social gerado pela industrialização das cidades.

Logo no primeiro capítulo o narrador apresenta a vida simples e o trabalho no campo dos avós de João: “Os avós de João viveram durante muito tempo de umas vacas que haviam herdado. Ordenhavam as vacas de manhã e à noite, e com o leite faziam queijo e manteiga, e assim se alimentavam” (ANDRUETTO, 2016, p. 07). No entanto, a vida no Norte não é fácil e um dia a seca, o governo e os ladrões de gado acabaram deixando-os sem nada. Essa dura realidade também é vivenciada pelos pais de João: “o pai e a mãe de João ficaram sem trabalho, e não houve mais dinheiro para ir ao parque de diversões, nem para comer bolo de milho, nem para comprar cadernos” (ANDRUETTO, 2016, p. 08).

Diante desta realidade, a família de João sonha em migrar para a cidade grande em busca de melhores condições de vida. O espaço urbano, vislumbrado pelos olhos do pai de João, simboliza o desejo de progresso, como se a felicidade e a realização dos sonhos estivessem atrelados a essa cidade moderna: “–Temos que ir para cidade, e viver lá, porque na cidade se vive bem. – É? – perguntou João. – É. E ninguém passa necessidade – respondeu o pai” (ANDRUETTO, 2016, p. 11).

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (1999, p. 158), o espaço físico da cidade seria uma espécie de síntese da modernidade, “a metrópole é a forma mais específica da vida moderna”. Dessa forma, a representação do espaço na narrativa sugere um projeto de modernização a se cumprir, mas na verdade expõe as relações humanas esgarçadas e a composição de um espaço insalubre com sujeitos cada vez mais sem perspectivas. Logo, a errância da família de João se configura como uma tentativa de sobrevivência, uma vez que em seu lugar de origem isso já não é mais possível.

O processo de migração nesta narrativa de Andruetto apresenta a cidade a partir dos sonhos não realizados, seja expondo a condição social dos personagens, quando o deslocamento

é quase inevitável para a sobrevivência; seja compreendendo o espaço urbano como o lugar de instabilidade e exclusão social. É justamente essa imagem de opressão, de segregação social e econômica que abre o terceiro capítulo da narrativa:

Vila Papel está onde está desde que o mundo é mundo. Ninguém sabe quem lhe deu esse nome, nem tampouco quando, mas faz muito tempo que as primeiras folhas de zinco e os primeiros papelões foram colocados, e alguém botou pedras e tijolos sobre os telhados para que não voassem.

Na Vila Papel vão parar os que chegaram do Norte em busca de trabalho na cidade. E nesse lugar chegaram também João e seus pais.

E viraram catadores de papel, como todos os que vivem na Vila, porque ali, até as crianças menorzinhas separam os papelões inteiros dos destroçados, os molhados dos secos. E os vendem (ANDRUETTO, 2016, p. 15).

O fragmento transcrito capta o instante em que os personagens, ao abandonar o sertão em busca de um lugar melhor para viver, se deparam com uma metrópole que segrega e expõe a miséria social, constituindo as desilusões e os desejos daqueles que a habitam. Nesse sentido, a representação dos espaços físicos reflete as hierarquias sociais, apontando que pobres e ricos têm acesso diferenciado aos diversos lugares. A cidade expõe essa desigualdade em sua própria arquitetura física. Para a geógrafa Dorren Massey (2015, p. 15), o espaço é visto como uma dimensão de múltiplas trajetórias, potencializando o caráter social na composição da identidade dos sujeitos, pois “o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes [...] é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros”.

O deslocamento espacial, nesse ponto, é reflexo do subdesenvolvimento gerado pela industrialização e do crescimento desorganizado da cidade. Na crença de poder encontrar melhor guarida, a família de João migra até a cidade grande, onde espera encontrar emprego e dignidade, porém se depara com a miséria e o isolamento comunitário na Vila Papel.

O quarto capítulo apresenta, simultaneamente, a história da família de Anarina que faz o mesmo percurso de migração para Vila Papel. No entanto, diferentemente da família de João, Anarina e os pais já viviam na cidade. O trabalho nas fábricas compõe o dia-a-dia dos pais de Anarina e marca, na narrativa, uma reflexão crítica em relação ao crescimento urbano e ao sistema capitalista. Um dia, assim como os pais de João, os pais de Anarina ficam sem trabalho e, aos poucos, Anarina também irá integrar o espaço da Vila Papel e conhecer João:

Entre ladrões de fábricas, vendavais e mudanças de governo, também os patrões dos pais de Anarina empobreceram. E foi assim que eles próprios começaram a trabalhar. Não precisaram mais de tecelões, e os demitiram. Por isso o pai e a mãe de Anarina ficaram sem trabalho, e não houve mais dinheiro para ir ao campo, nem para brincar e tomar mate na beira do rio, nem para comprar cadernos (ANDRUETTO, 2016, p. 20).

Na continuação do excerto transcrito, o pai de Anarina morre e ela e a mãe deslocam-se para a periferia da cidade, em seguida para casa de parentes e, como a mãe de Anarina

não conseguia arrumar emprego, elas acabam indo para debaixo da ponte. O início do quinto capítulo marca a chegada de Anarina e sua mãe na Vila Papel e a integração aos outros cata-dores de papel: “No começo as coisas foram difíceis. Depois pioraram. E Anarina começou a ir como outras crianças, à noite, juntar papelão e garrafas no centro” (ANDRUETTO, 2016, p. 25).

No sexto capítulo, Anarina conhece João e juntos iniciam o processo de maturação diante da difícil realidade imposta pelo espaço urbano. Os capítulos que seguem até o fim da narrativa marcam o desenvolvimento das personalidades dessas duas crianças que lutam pela sobrevivência e enfrentam os conflitos existenciais e complexos da vida. João apaixona-se por Anarina e a pede em namoro no dia em que ela completa dez anos, porém Anarina responde que só quando ele for um homem e ela uma senhora isso seria possível. Por esse motivo, João passa a vender tudo o que encontrava na rua no intuito de juntar dinheiro e tornar-se um ho-mem.

Da mesma forma, Anarina também começa a vender as coisas que encontra na rua para comprar o que deseja. João compra um relógio com o dinheiro que consegue juntar e Anarina compra uma pulseira. A simbologia do relógio, na narrativa, pode ser lida como a imagem do sistema capitalista que determina o tempo do trabalho, impondo aos sujeitos das grandes cidades um tipo de vida que aliena e renega o ócio. Outro aspecto, que tanto o relógio quanto a pulseira representam, diz respeito ao consumo de bens materiais, reflexo de uma sociedade capitalista e do processo de industrialização do espaço urbano. João e Anarina são seduzidos pelo fetiche da mercadoria, que os faz desejarem coisas de que não precisam naquele momen-to de suas vidas.

No fim da narrativa, Anarina e João, já adultos, casam-se e passam a lutar por melhores condições de vida para os moradores da Vila Papel. Neste momento, a narrativa expõe a luta coletiva de um povo contra um regime de repressão:

Um dia chegaram os Homens Violentos, em carros verdes, e esmagaram os gritos e o choro dos que pensavam como João [...] João esteve preso em um cômodo escuro e úmido, sem saber se era de noite ou de manhã, durante mil oitocentos e quarenta dias (ANDRUETTO, 2016, p. 43-44).

Após enfrentar a ditadura militar e sair da prisão, João, juntamente com Anarina, decide fazer o percurso de volta e abandona a cidade: “E assim aconteceu que os dois deixaram a cidade e foram para o Norte, para viver onde há cactos, juazeiros e morros azuis...” (ANDRUETTO, 2016, p. 47). A figura da viagem, na composição das personagens, representa um elo subjetivo entre o passado – de uma vida simples – e o presente – de experiências vividas e de um percurso doloroso de desilusões. Por isso, o retorno ao sertão, no fim da narrativa, é uma forma de resgatar as origens e estabelecer, novamente, um vínculo identitário com o espaço:

A vida no Norte não era mais fácil que na cidade. Era preciso carregar água desde a encosta e mudar os bambus do teto todos os anos, mas a casa era fresca e a água era boa. Os vizinhos estavam distantes uns dos outros e era difícil encontrar com eles, mas eram prestativos e ajudavam. E era preciso andar muito até chegar ao armazém para comprar alguma coisa ou vender o pouco que tinham, mas começaram uma pequena plantação de abóboras, feijão e milho, e já não precisavam de muita coisa.

À tarde, diante do tear, enquanto o filho crescia, enquanto João recolhia os bichos no morro, Anarina cantava a canção do bauzinho. Aquela canção antiga criada pelas mulheres do Norte. E cantava acompanhada pelo ar limpo e seco. Pelo

canto dos melros. Por um céu grande e sem fios. E pelas flores dos cactos (ANDRUETTO, 2016, p. 49).

Aqui, o fluxo migratório realiza-se em sentido contrário àquele que foi sonhado pelo pai de João. Essa inversão problematiza a constituição do vocábulo “sertão”. Expulsivo pela aridez, escassez de água e de comida, o sertão é, no fim da narrativa, o espaço do aconchego, do reencontro com o lar e do abrigo. Esse deslocamento no sentido contrário expõe o fracasso de um ideal de globalização das sociedades modernas que, de forma corrosiva, criou uma condição de isolamento e miséria da população carente nas grandes cidades. Mostra que o projeto capitalista não engloba a todos, mas cria uma massa de excedentes. João e sua família fazem parte desse contingente rejeitado pela cidade grande e moderna.

O trânsito das personagens ao longo da narrativa coloca diante do leitor um esquema narrativo de formação, no qual os jovens protagonistas chegam ao final de seus percursos como adultos capazes de enfrentar as contradições do mundo. Assim como *Stefano*, o livro *O país de João* problematiza a relação do sujeito com o espaço e reflete de que forma essa relação compõe a formação das identidades das personagens.

Considerações finais: “Um personagem se constrói a si mesmo durante o trânsito”

O trecho de um texto de Maria Teresa Andruetto, lido no I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil, em 2001 na Universidade Nacional de Comahue, é um bom título para estas considerações finais. Ele revela a construção de significados nas narrativas aqui analisadas centradas em protagonistas jovens que se colocam na condição de deslocamento, empreendendo uma viagem de autoconhecimento a partir da relação com os espaços percorridos.

Nesse sentido, as obras *Stefano* e *O país de João* inserem-se no contexto da literatura infantil e juvenil que enfrenta o fenômeno de fluxos migratórios das sociedades atuais, como também representam o processo subjetivo de amadurecimento de jovens protagonistas. Em *Stefano*, a viagem para outro país, demonstrando a condição do estrangeiro, revela um sujeito com uma identidade móvel e dinâmica, própria da formação cultural latino-americana que celebra os cruzamentos entre pessoas e hábitos distintos. As experiências em espaços instáveis contribuem para o desenvolvimento humano do protagonista, que enfrenta anseios interiores.

Em *O país de João*, a viagem de ida e volta, fazendo uma oposição espacial entre sertão/cidade, também revela sujeitos que evoluem ao fim da jornada, que retornam de uma viagem carregados de experiência. João e Anarina aprendem a lutar pela sobrevivência, adquirem consciência de classe e compreendem, ao fim da narrativa, a decadência social e ética imposta pelo espaço urbano. O retorno ao sertão funciona como uma forma de reivindicação da vida rural, longe de uma cultura industrializada na qual o processo de urbanização reifica o homem.

Os aspectos formais das obras de Andruetto, discutidos aqui, evidenciam de forma paradigmática o que foi levantado como proposta no início desse artigo: as narrativas rompem com uma pedagogia conservadora confinada ao gênero, que coloca, muitas vezes, a literatura infantil e juvenil como um simples texto moralizador. Tanto a experiência estética de *Stefano*, que coloca em cena duas instâncias narrativas, mostrando as complexidades exteriores e interiores vividas pelo protagonista a partir da experiência do desterro, quanto a linguagem poética de *O país de João*, na qual o leitor parece estar diante de um conto de fadas, com orações curtas e delicadas, mas que aborda diretamente uma crítica social contundente em relação ao espaço urbano, rompem com a delimitação imposta à literatura produzida para crianças. Assim, as obras de Maria Teresa Andruetto podem ser lidas como textos que, segundo Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1999, p. 161), “explicitam e assumem sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico”, residindo “aí o ponto de radicalidade mais extrema a que chega o texto infantil das duas últimas décadas”.

Esse trabalho com a linguagem concretiza-se, nas narrativas analisadas, na exploração

da representação do espaço e sua relação com as experiências subjetivas de personagens em processo de formação. A vivência do migrante e/ou viajante é sempre atravessada pelo sentido da mudança e o sentimento da incerteza.

Referências

- ANDRUETTO, M. T. **O país de João**. Trad. Marina Colasanti. São Paulo: Global, 2016.
- ANDRUETTO, M. T. **Stefano**. Trad. Marina Colasanti. São Paulo: Global, 2014.
- ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- COLOMER, T. A literatura infantil e juvenil atual. In: _____. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017, p. 189-247.
- CRUVINEL, L. W. F. **Narrativa juvenil**: em busca da especificidade do gênero. 2009. 188f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 1999.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- PARANHOS, A. L. S. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá. (org.). **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 147-166.
- PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 07-72.